

**XXII Encontro APHES – Universidade de Aveiro – 15 e 16 de Novembro de 2002:  
“Empresas e Instituições em perspectiva histórica”**

Mesa Redonda: A mulher e a economia: Trabalho feminino e mulheres empresárias em Portugal  
nos séculos XIX e XX

***Mulheres, tempo e trabalho no sector das pescas no século XIX  
- uma proposta de estudo -***

Inês Amorim – [rd39453@mail.telepac.pt](mailto:rd39453@mail.telepac.pt); [iamorim@letras.up.pt](mailto:iamorim@letras.up.pt)  
(Instituto de História Moderna da Universidade do Porto)  
(Departamento de História)  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica s/n/ 4150-564 Porto

O presente estudo procura aferir e discutir o espaço da mulher na vida das comunidades piscatórias, em Portugal, em finais do século XIX.

Parte de uma experiência de trabalho anterior, acerca da organização do trabalho e das ocupações no sector da pesca<sup>1</sup>, e situa-se na perspectiva de equacionar o papel da mulher “pescadeira” através da avaliação de índices (integração, separação) que alarguem a noção mais estrita de trabalho, valorizando o seu contributo para o “bem-estar” familiar face às vicissitudes e especificidades da actividade piscatória<sup>2</sup>.

Procura-se, a partir da análise de documentação diversa, mas em particular de um texto literário, diagnosticar comportamentos diferentes e lançar pistas de interpretação com vista a estudos de caso.

### **I - O ecossistema e a organização de trabalho**

O estudo das comunidades piscatórias, que o são ainda ou que o foram no passado, merece uma maior atenção por parte da História. Ignora-se, entre múltiplos aspectos, o significado do trabalho feminino. A Antropologia tenta responder a esta questão, sobretudo ao questionar o princípio “pesca de homem/peixe de mulher?”<sup>3</sup>. A resposta à pergunta não colhe unanimidade.

---

<sup>1</sup> Amorim, Inês (org.) – *História do trabalho e das ocupações, vol. II – As pescas*, Oeiras, Celta, 2001

<sup>2</sup> Esta perspectiva de avaliação de índices do trabalho dito não remunerado levanta sugestões de análise propostas em Carrasco, Cristina (ed.) – *Tiempos, trabajos y género*, Barcelona, Universidad de Barcelona, 2001.

<sup>3</sup> Motta-Maués, Maria Angélica (1999) – *Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando género na literatura académica sobre comunidades pesqueiras no Brasil*, in “Etnográfica”, v. III, n. 2, 1999, p. 377.

Sabemos que a figura masculina surge de forma dominante. A mulher, em contrapartida, é um agente participante num modo de produção que, de forma variável, a inclui ou exclui do quadro organizativo, que terá evoluído de uma pesca de base familiar para a uma pesca industrial. O quadro seguinte esquematiza e modela esta transição:

#### ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO E DIREITOS DE PROPRIEDADE<sup>4</sup>

Formas de organização da produção <sup>5</sup>	a.Divisão social do trabalho		b.Contratualidade das relações		c.Propriedade dos meios de produção	d.Remuneração da força de trabalho	
	Vertical	Horizontal	Durabilidade e dos vínculos	Especificidade do contrato		remuneração por partes	remuneração por assalariamento
1.pesca de base familiar	0	0/1	0/1	0	1/0	1	0
2. pesca familiar com recrutamento fora da família	0/1	0/1	0/1	0	1/0	1	0
3. pesca semi-industrial (traineiras)	1/0	1	0/1	1	1/0	1/0	0/1
4. pesca longínqua, sociedades anónimas ou do Estado	1	1	1	1	0	0	1

a e b, sistemas de produção; c direitos de propriedade; d.regime de trabalho;

“0” e “1” significam, respectivamente, ausência ou presença da característica em causa; a ordenação dos dois factores confere mais força ao que se apresenta em primeiro lugar;

a. como uma especialização de funções no interior da unidade (vertical-qualificação e progressão) mas também como uma especialização e complementaridade de funções entre unidades (horizontal-recolha/venda/transporte);

b.contratualidade dos laços laborais entre os proprietários e os trabalhadores, tomando em consideração o carácter mais permanente ou episódico do vínculo do trabalhador;

c. posição do trabalhador quanto à posse dos meios de produção;

d. remuneração da força de trabalho tendo em conta se se trata de um pagamento em sistema de partes (“rações”) ou por assalariamento.

Estamos perante sociedades condicionadas por ritmos ecológicos (dependência de recursos móveis, sazonais e aleatórios) e que, no século XIX, viveram um processo de industrialização responsável por clivagens sociais e processos migratórios (nomeadamente para o Brasil e África).

<sup>4</sup> Este modelo foi por nós apresentado em Amorim, Inês (org.) – *História do trabalho e das ocupações*, o.c., p.19

<sup>5</sup> Utilizámos uma nomenclatura regulamentada pelo Decreto-Lei n.278/87 de 17 de Julho e posterior legislação. As embarcações da pesca de largo são exclusivamente industriais porque de tonelagem superior a 100 TAB (tonelagem de arqueação bruta) e autonomia mínima de 15 dias, podendo operar em qualquer área excepto para dentro das 12 milhas; as que exercem pesca costeira tanto podem ser artesanais como industriais porque a lei prevê terem acima de 9 metros de comprimento, de tonelagem até 180 TAB e uma potência de motor não inferior a 35Cv; só a pesca local não admite embarcações acima de 9 metros, não podendo operar fora da capitania onde estão inscritas nem afastarem-se mais de 6 milhas da costa, quando de convés aberto, ou 30 milhas, quando de convés fechado; vd. BRITO, Raquel Soeiro de – *Portugal, perfil geográfico*, Lisboa, Estampa, 1994, p.198-199. Uma outra grelha apresentada por SOUTO, Henrique - *Comunidades de pesca artesanal na costa portuguesa – estudo*

Em consequência de um forte condicionalismo pelo ecossistema sazonal, o sentido de emprego/desemprego, ou seja, do tempo de trabalho, apresenta características bem diferentes do regime geral do trabalho, fomentando outras dinâmicas organizativas. Além do mais, o condicionalismo dos factores como o esgotamento dos *stocks* ou as medidas de restrição à exploração de áreas de pesca exclusivas, comportaram novas adaptações, mas sem alterarem a característica de fundo – a mobilidade geográfica, ao encontro dos recursos disponíveis.

É natural que, à medida que se acentuou a necessidade de um afastamento da costa, o acréscimo de perigo, a duração das viagens, a importância das espécies, impuseram técnicas e recrutamento de mais mão-de-obra que a maior envergadura da operação exige, ultrapassando a básica organização familiar.

A propriedade dos meios de produção impõe hierarquias: a posse do barco, confere a autoridade e capacidade de organização de trabalho; a posse (ou aluguer) individual de redes, com que os pescadores entram no pescado, conduz a níveis complexos de organização de trabalho; os conhecimentos marítimos conferem as competências quer na localização e captura das espécies, quer na manobra das aparelhagens e das embarcações.

À medida a que se assiste a um afastamento da costa (fora da costa e no alto), as actividades exigem maior investimento de capital, implicando a não propriedade dos meios de produção porque os custos ou desgaste dos barcos e redes ultrapassam as disponibilidades locais, embora a possibilidade de participação dos pescadores com quinhões de rede, base de distribuição das receitas, seja ainda sinal de um certo grau de apropriação.

Esta visão diacrónica não pode ignorar uma outra que implica o próprio conceito de trabalho na pesca, um conceito que evoluiu dada a natureza dos tempos empregues. A calendarização dos ciclos piscatórios criava a possibilidade de desempenho de outras ocupações, sazonais, dentro do quadro referido atrás. Assim, o mesmo pescador pode desempenhar funções na pesca ao largo, na costeira e na local. Mas este entendimento nunca foi claro, ao longo do tempo, porque não se inseria nas práticas institucionais que os ofícios mecânicos, regulamentados apresentavam – um tempo de trabalho que se rege pelas marés, pelo bom tempo, pela fauna marítima.

---

*geográfico*, Lisboa, 1998, dissertação de doutoramento à UNL [1998, p.36] define os seguintes tipos de organização: artesanal (tipo 1 e 2 de base familiar), artesanal de transição, semi-industrial e industrial.

## II – O desempenho feminino na pesca

Estes traços, caracterizadores da actividade, criaram oportunidades para a participação da unidade familiar no seio da qual os desempenhos femininos poderiam ultrapassar o trabalho doméstico ou o trabalho reprodutivo (definido como o conjunto das actividades necessárias, desenvolvidas na esfera da casa de forma cíclica, para manter o bem-estar da família<sup>6</sup>) para acumularem outras funções na actividade piscatória.

Não admira, por conseguinte, que, de forma diacrónica e sincrónica, nos surjam expressões que identificam os desempenhos femininos a montante ou a jusante da pesca, raramente na pesca propriamente dita: *pescadeira*, *rapoleira*, *colhedora*, *aguadeira*, *cabaneira-sargaceira*, *mulher de pescador*, *regateira*, *vendedeira do pescado*, *contadora de peixe*, *escamadeira*, *mulher do açougue do peixe*, *mulher na Ribeira do pescado*, *mestra*, *redeira*, *trabalhadeira*, *rendilheira*, *conserveira*, representam tempos e espaços diferentes<sup>7</sup>.

Três áreas parecem agrupar estas mulheres: a elaboração de redes, a conservação e venda do pescado e, finalmente, a pesca propriamente dita. Frequentemente os agentes do sector, as próprias ou os maridos identificam-se/nas como “pescadeiras” ou como “trabalhadeiras”. No primeiro caso, sempre que iam a bordo de um barco agarrando os remos e reconhecendo os bancos de pesca,. No segundo, porque resguardadas em casa “sabia[m] governar o dinheiro” que recebiam dos maridos e acrescentando, porque sabiam “amealhar” o suplemento que lhes vinha do trabalho na colheita do sargaço ou do pilado, ou do cultivo da horta, ou mesmo, desde o início dos anos 70 do séc. XX, do aluguer dos quartos ou de toda a sua casa<sup>8</sup>.

Todos estes papéis encaixam na concepção geral desenvolvida em trabalhos acerca da distinções sexuais na pesca. Como sublinhou Harriet Bradley, em 1989<sup>9</sup>, verificasse, na pesca, quer costeira quer do alto, um desempenho diferenciado entre os papéis feminino/masculino, no quadro de uma organização familiar e comunitária. Com a industrialização da pesca a tendência foi para a transferência dos trabalhos de salga na

---

<sup>6</sup> Ransome, Paul – *The work paradigm, a theoretical investigation of concepts of work*, Aldershot, Avebury, 1997, p.19.

<sup>7</sup> Amorim, Inês -

<sup>8</sup> Escallier, Christine – *O papel das mulheres da Nazaré na economia haliêutica*, in “Etnográfica”, v. 3, n. 2, 1999, p. 300.

borda das praias para as unidades conserveiras de vácuo ou de gelo, mas num contexto que desvaloriza esse novo trabalho. Com efeito, parece que a passagem para sectores a montante ou a jusante da pesca, no âmbito da industrialização, criou hierarquias de valores, enaltecendo ou degradando os papéis femininos no mundo da pesca.

De alguma forma esta evolução de funções e de papéis terá transformado o “trabalho” das mulheres em “emprego”, o que significa a introdução de um modelo de trabalho assalariado do espaço privado para um espaço público. O “valor” destes dois momentos não é unanimemente interiorizado. Consubstancia-se em duas acepções:

1. uma resulta da pesca longínquo do bacalhau, no contexto do Estado Novo, por altura da introdução de um novo sistema retributivo do pescador-marinheiro da pesca do bacalhau, em que a mulher se remete para o seu papel doméstico. Neste sentido considerava-se que *“as soldadas fixas e as percentagens sobre a pesca realizada haviam de representar um capital capaz de acudir ao sustento da casa e de ser também o necessário para evitar que a mulher e os filhos menores fossem obrigados a, diariamente, abandonarem o lar, para angariar o complemento que era indispensável para prover à modesta manutenção, sem dívidas, da família que haviam constituído. Bem presente se teve sempre a ideia de que o ambiente próprio à mulher é o da casa, que a esta deveria ela ser reconduzida, para acudir atentamente às não poucas canseiras que ali a esperam continuamente, e assim poder exercer a sua benéfica acção de esposa, de mãe e de educadora”*. Em consonância com este espírito, foi editado um folheto intitulado *“Conselhos às mulheres dos pescadores de bacalhau”* e, em colaboração com a Junta Central das Casas dos Pescadores, publicaram-se *“Alimentação Infantil”* e *“Como cuidar das crianças”*, promovendo a vigilância dos lares dos pescadores por “visitadoras”, senhoras que controlavam a higiene, arranjo da casa e tratamento das crianças recém-nascidas<sup>10</sup>. Estar-se-á perante um modelo atribuível às mulheres que as observam – a figura da doméstica burguesa – ou é o reflexo do facto de as mulheres dos pescadores do bacalhau não poderem, perante a lonjura relativamente ao local de trabalho (Terra Nova ou Gronelândia), participar no trabalho complementar?

2. a outra acepção é traduzida num discurso de Oliveira Salazar, em que exaltava o papel da mulher que trabalha nos centros de conserva: *“nos centros piscatórios e*

<sup>9</sup> Bradley, Harriet – *Men’s work, women’s work.*, Cambridge, Polity Press, 1989, p.93-103

<sup>10</sup> *Organização Corporativa das Pescas*, 1943, 32, 39

*conserveiros a situação precária e incerta do homem do mar deve na generalidade dos casos impelir a mulher para serviços estranhos à actividade doméstica, que lhe aumentem os proventos do casal [...] e a sobrecarga que actualmente as fábricas suportam dos salários no período em que não há trabalho, poderia ser assim aliviada*”<sup>11</sup>. Neste caso, a realidade contextual é diferente: está-se perante a pesca da sardinha costeira que representava, ou tinha representado, uma importante fonte de receitas, no contexto conjuntura internacional de crise pesqueira. O papel do Estado dirige-se no sentido da regulação dos conflitos, da criação de organismos de coordenação económica, mas sobretudo, de resposta às exigências impostas a jusante da pesca – a conserva e a comercialização, declaradamente quando a indústria conserveira se retraiu, no pós primeira guerra e a economia teve dificuldade em se adaptar<sup>12</sup>. Compreende-se a perspectiva do discurso salazarista porque o salário da mulher, seria um complemento flexível, tendo em conta os baixos salários.

Este afastamento da praia ou das tarefas adstritas é o reflexo das transformações dos direitos de propriedade, no sentido de acessibilidade aos recurso marítimos, quando se perfilam e enfrentam organizações e técnicas diferentes. Como se observava, por altura do conflito que opunha, na costa Algarvia, pescadores portugueses aos andaluzes, na 2ª metade de XIX, enquanto as antigas artes, lançando as suas redes de terra, e alando-as daí não empregavam companhas fixas nem assoldadas mas toda a gente que vinha à praia puxar as redes, homens, mulheres e crianças tinham uma parte do produto da pesca e “*assim a pesca das artes chega, por assim dizer, a todos*”, na nova arte do galeão “*só aproveitava directamente aos*

---

<sup>11</sup> SALAZAR, Oliveira (1932) – *A indústria e o comércio de conservas de peixe*, in “Indústria Portuguesa”, 1932, p. 51

<sup>12</sup> Gerou-se nos anos de 1880-1887, com o desaparecimento de sardinha nas costas bretãs, até então primeira produtora mundial de conservas, o desenvolvimento do sector em Portugal e Espanha, pressionando as técnicas massivas de pesca Vd. CARMONA BADÍA, Joám [1997, p.253]. Em 1884 existiam em Portugal 18 fábricas; em 1886 passavam de 66 (enquanto em Espanha, Itália e Áustria não ultrapassa 57). Em 1890 verifica-se uma ligeira quebra pelo efeito da concorrência francesa, contando-se 54 estabelecimentos com 2515 operários; em 1896 o seu número alarga-se para 76 e 4653 operários. a capacidade efectiva de produção por fábrica em 1926 está reduzida a 49% da de 1918. Invoca-se o apoio das entidades oficiais, a conjuntura é difícil: falta de peixe em 1925; falta de educação industrial; reduzido potencial financeiro das empresas; ausência de preparação comercial de grande parte dos exportadores que a guerra improvisara; queda de preços nos mercados externos; onerosas condições para a obtenção de crédito; em 1932 surge o Consórcio Português das Conservas de sardinha, promulgando as condições de trabalho e os acordos colectivos nas conservas de peixe. Nota-se a predominância de mulheres e a grande diversidade de tarefas como se lê em BARBOSA, António Manuel Pinto [1941, p.19 a 128].

*armadores e à gente assoldada das suas tripulações, em que se não empregam mulheres nem crianças como nas artes*”<sup>13</sup>.

O que se evidencia, através desta descrição, é uma realidade nova, em que muitos, entre os quais as mulheres, se sentem arredados do acesso aos recursos, quando as técnicas alteram a situação e os quadros tradicionais de costume e tradição desempenhavam funções de vigilância sobre a coabitação de artes e uso dos recursos<sup>14</sup>. Esses espaços de territorialidade, essas “unidades de recursos” avidamente resguardadas, estrategicamente disputadas, foram desfeitos quando a tecnologia o permitiu e os capitais mais fortes acudiram, fazendo cair em perigo as formas tradicionais de gestão do espaço de pesca.

O movimento tornou-se irreversível desde que a indústria conserveira fomentou a capitalização dos cercos que operavam em toda a costa, mesmo que ilegítimamente, activado por uma conjuntura propiciadora<sup>15</sup>. O que estaria na base da proposta de Salazar, atrás referida, era a de que a mulher do pescador, quando solicitada, poderia desenvolver as tarefas necessárias – quando houvesse sardinha, o que nem sempre acontecia, dada a crise instalada.

### **III– O peso do trabalho feminino**

Aferir, quantitativamente a representatividade efectiva do envolvimento feminino na actividade desenvolvida nos meios piscatórios é uma tarefa inglória. A informação chega-nos distanciada pelo peso condicionador da informação produzida pelos poderes públicos<sup>16</sup> e pela ausência da produzida pelas comunidades piscatórias. Estas, afastadas das estruturas legais de poder e autoridade, a não ser as designadas

<sup>13</sup> Cf. *Livro Branco de 1879 – Questão das pescarias*, 1879, p.68.

<sup>14</sup> À marcação de espaços de territorialidade, de maior ou menor extensão e alcance conforme a espécie e a técnica empregue, os pescadores chamam “os mares”. As “balizas” assinalam os locais específicos da pesca detectada e em operação Vd. Graça, A. Santos – *O Poveiro*, Lisboa, Dom Quixote [1932], 1992, cap. III, as marcas, balizas e divisas; cap.X, Os mares.

<sup>15</sup> A guerra de 1914 acelerou o consumo na generalidade e factores locais, como o desaparecimento da sardinha nas costas galegas em 1909-12 e 1924-25, obrigaram os conserveiros a virem mais longe, até às nossas costas Vd. Carmona Badía, Joám – “O mar e a Industrialización de Galicia”, in *Galicia fai dous mil anos, o feito diferencial galego*, v.2 Historia, Santiago de Compostela, Museo do Pobo Galego, 1997, p.255. O próprio Estado português verifica que as receitas das exportações animam extraordinariamente a nossa balança, pois que em 1880 sente-se já uma aceleração do sector, em 1910 representam 7% das exportações e, em 1930-35, 20.5%, vd. Simões, Nuno – “Pescarias e conservas de peixe: notas sobre a evolução do seu comércio”, Separata *Indústria Portuguesa*, Lisboa, 1939, p.21. Em 1913 só o porto de Matosinhos significava 50% do total das capturas do país, acima de Peniche, Portimão e Vila Real de S.António. Em 1917 apuram-se 188 fábricas de conservas, empregando 14679 operários; em 1925 atinge-se o maior número: cerca de 400 fábricas Vd. Barbosa, António Manuel Pinto – *Sobre a Indústria de Conservas em Portugal*, Lisboa, 1941.

<sup>16</sup> Vd. AMORIM, Inês – *A organização dos serviços de pesca*, “Mare Liberum”, 2001.

confrarias, mas que nunca funcionaram como estruturas organizativas do trabalho, muito menos no contexto do Estado Novo, espartilhadas em regime de pacto social, cingindo-se a manifestações de religiosidade e esporadicamente a protestos reivindicativos, estavam marcadas por um estrutural analfabetismo que as afastavam do mundo do registo.

As estatísticas gerais evidenciam alguma dificuldade em classificar o pescador. Pautadas pelas exigências ditadas pelas preocupação de classificação socioprofissional e de reforma fiscal, estabeleceram a devida diferenciação entre actividades produtivas e não produtivas e o indivíduo tende a ser concebido não com um ser social mas como um ser iminentemente profissional e económico<sup>17</sup>. As instruções para o “Inquérito sobre o estado, condições e necessidades da indústria de pesca” (26/6/1890) que esteve na base de vários relatórios por capitánias, do relatório global “Inquérito sobre a pesca”, assim como da obra maior destaque de Baldaque da Silva, “Estado actual das pescas em Portugal”<sup>18</sup> não se preocupam em apresentar com clareza os papéis desempenhados.

**O conceito de tempo de trabalho não se coaduna com os tempos de pesca.** Efectivamente, o inquérito de 1890 foi concebido no mesmo espírito que presidiu à elaboração dos Inquéritos industriais, na mesma data, para os diferentes sectores da economia, e que questionava as estruturas de trabalho, equacionado capitais e forças produtivas (capitais, mão-de-obra no que dizia respeito ao número médio de operários e aprendizes por unidade, duração do tempo de trabalho, valor do produto)<sup>19</sup>. A realidade, contudo, era totalmente diferente. Um exemplo flagrante reside na resposta ao questionário a propósito da comunidade da Póvoa de Varzim: *“o que acontece, especialmente na Povoá, é um determinado pescador, que pertence hoje a uma embarcação, abandoná-la amanhã por outra que tenha visto trazer mais abundante pescaria, e, por vezes ainda no dia seguinte, por qualquer futilidade, passar a guarnecer uma terceira. Succede tambem que nem sempre a mesma companhia póde ir ao mar completa, principalmente na quadra do Janeiro em que fazem as enviadas*

---

<sup>17</sup> Vd. Ravara, António Pinto – “A classificação socio-profissional em Portugal (1806-1930)”. *Análise Social*, vol. XXIV (103-104), 1988, (4º, 5º), 1161-1184

<sup>18</sup> De todo o Reino em ROSA, José M.[1890] e SILVA, A.A. Baldaque da [1891]; do rio Minho, REGALLA, Francisco Augusto da Fonseca [1888]; Relatórios de Caminha, Viana do castelo, Figueira da Foz e Póvoa do Varzim [1890]; da capitania do Porto em COSTA, Carlos Maria da Silva [1889]; de Aveiro REGALLA, Francisco Augusto da Fonseca [1888b]; de Peniche em SILVA, A.A. Baldaque da [1889], de Vila Real de Santo António em GUIRA, Alfredo [1889]; Estatística das Pescas Marítimas [1898, 1908a, 1908b, 1910, 1919, 1922]

<sup>19</sup> Doravante as referências ao Inquérito aparecerão no texto sob a forma (1890, p.)

*para a sardinha, e ainda acontece que hoje o pescador que hoje vae ao mar n'uma lancha para a pescada, vae amanhã numa catraia grande para a pesca da sardinha ou de outras especies, no outro dia em uma catraia pequena para a lagosta, e ainda no dia seguinte em um cahique para a pesca à linha. Com tal mobilidade é perfeitamente impossivel o cumprimento da disposição regulamentar [de 1 de Agosto de 1884] que exige matricula de companhia certa em cada embarcação”<sup>20</sup>.*

Os resultados deste Inquérito não permitem avaliações quantitativas que nos enumerem o peso da participação feminina, mas indicam-nos alguns dados, ao longo da costa, que relacionam as mulheres com o trabalho nas bordas na praia. Ajudam a puxar as cordas das mangas das redes xávega (*rapoleira* na praia de Tocha, in *Inquérito...* 1890, 259) e a enrolá-las, à medida que saem do mar, ou então saciam a sede aos homens que andam na faina de recolher as redes (*aguadeira* em Tocha e Figueira da Foz, in *Inquérito...* 1890, 252, 258). Na linha de água ou na sua borda apanham sargaço ou pilado (na costa do Norte) e pequenos moluscos. São as *cabaneiras-sargaceiras* (*Inquérito...* 1890, 47, 179). O *Inquérito* de 1890, ao identificar estabelecimentos de salga, confirma o emprego dessas mulheres, de famílias de pescadores na Póvoa de Varzim e na Torreira (*Inquérito...*, 124, 221) e as *pescadeiras* nos armazéns do Furadouro (*Inquérito...* 1890, 208)

Muito mais subtil é a entrada da mulher a bordo, sem lá se encontrar propriamente. É o caso da Póvoa de Varzim, descrito no mesmo *Inquérito de 1890*. Particularmente na pesca da sardinha e nas redes *rascas do limpo* (que pescavam várias espécies) abundava o uso de redes meeiras, fornecidas por mulheres que não tinham na família homens, ou eram viúvas e se contratavam com pescadores que, por sua vez, não dispunham de recursos para trabalharem com redes próprias<sup>21</sup>. Na pesca da pescada os menores de 12 anos, alguns com meses, entravam (através dos seus pais) com redes, que embora colocadas nos pontos menos estratégicos de arrecadação do pescado (nas pontas) não deixavam de receber as pescadas que se emalhassem nas suas redes. As funções que lhes competiriam eram desempenhadas pelo pai, no barco, e pela mãe, em terra. Na partilha do arrecadado cada parte recebia meio quinhão. Tratava-se de

<sup>20</sup> *Inquérito sobre a pesca em Portugal Continental e Ilhas no ano de 1890*, Lisboa, Ministério da Marinha, 1890, p.128.

<sup>21</sup> As donas das redes tinham ainda de dar “a cesta” ao pescador que constava de comida quando ele ia ao mar e “a farda” ou seja, uma porção de baetilha para um fato de pesca (1890, p.120)

unidades de trabalho que associavam uma mão-de-obra desprovida de meios de produção (pescadores sem instrumentos de trabalho) e proprietários que não podiam exercer o seu ofício, porque eram mulheres ou crianças (*Inquérito... 1890, 120*).

Em 1890, no concelho da Póvoa de Varzim, quando os pescadores pescavam de companhia, a “*mestra* (mulher do mestre)” tratava da venda às compradoras habituais, às regateiras. No tempo da pesca individual o peixe era vendido pelas mulheres dos próprios pescadores (*Inquérito... 1890, 112*).

Os dados relativos ao peso da população ligada á pesca nesta comunidade sintetizam-se no quadro seguinte:

**Quadro 2 – População piscatória da Póvoa de Varzim segundo o Inquérito de 1890**

sexo	maiores de 16 anos	entre 12 e 16 anos	menores de 12 anos	total de pescadores: 6336*	total população 12977**
masculino	2066	406	828	3300	6185
feminino	2131	297	608	3036	6792

\* inclui 810 habts.do lugar de Caxinas da vizinha Vila do Conde, Fonte: 1890 , p.110

\*\* segundo os dados do cadastro de 1889

A primeira constatação é a de que mais de 50% da população vive da pesca, directa ou indirectamente. O universo feminino activo na pesca (ou ligado a família de pescador) representa quase 45% da população total. O Relatório especifica as funções que lhe eram próprias no complemento do trabalho masculino, juntamente com os menores de 12 anos masculinos que não iam ao mar: eram responsáveis pela beneficiação das redes (fabricá-las e preservá-las), pelo transporte do pescado, pela apanha de polvo e moluscos (especialmente na colheita do mexilhão) e pelo varar das embarcações na praia (1890, 110). A rede é uma garantia de aumento do rendimento familiar, e toda a estrutura familiar entra no processo do trabalho, directa ou indirectamente.

Um caso à parte?

Justifica-se então, um outro olhar a partir de um texto habitualmente observado como um documento literário de Raul Brandão. Não é a primeira vez que o observamos. Foi num mundo de alterações técnicas e sociais que Raul Brandão viveu. O seu trabalho, “*Os Pescadores*”(compreendido entre 1893 e 1926) inscreve-se, como já foi avaliado noutra lugar, numa produção de cariz etnográfico, relatando emoções e percursos estéticos (luz, cor, emoções)<sup>22</sup>. Reflecte um momento chave do sector,

<sup>22</sup> MARTINS, Luís – *Baldaque da Silva e a identificação das comunidades costeiras*, in “Etnográfica”, Lisboa, v. 1, n. 2, 1997, p286-287].

impulsionado pela evolução da tecnologia pesqueira, o cerco a vapor, cujas consequências se resumem na frase “*cultivar o mar é uma coisa – é ofício de pescadores; explorar o mar é outra coisa – é ofício de industriais*” (31 de Agosto de 1921)<sup>23</sup>.

Se tentarmos desenhar um percurso coerente da obra verificamos que o primeiro texto é de 1893, acerca da Foz do Douro. Só em Agosto de 1919 foi às Berlengas e emitiu um primeiro comentário aflitivo: “*Peniche é horrível. [...] É sobretudo horrível para mim porque é o tipo de pesca industrializada, o barracão, a fábrica de peixe, a caserna da sardinha*”(p.140). Percorreu, em Julho de 1922, a Ria de Aveiro e centrou-se em Mira como exemplo culminante de processos idênticos de pesca de arrasto que conhecia desde Espinho. Seguiu em Agosto para Setúbal concluindo “*se terra e mar fossem convenientemente cultivados. Mas nós só temos um sistema bem organizado – o da destruição...*”(p.171). Mais para sul, pela costa algarvia encantou-se em Olhão e Tavira com os vapores de cerco à pesca da sardinha ou com as almadravas no enalço do atum, o porco do mar (p.212). No ano seguinte foi à Caparica e a Sesimbra cujas impressões lhe provocaram reflexões profundas: acusa a exterminação da sardinha por barcos da Galiza, de Vigo, identifica um outro grupo, sazonal, a “gente da terra”: no Algarve o montanheiro, no Norte o lavrador. E desabafa, em nota de pé de página, propondo medidas restritivas e ironizando sobre as propostas iluminadas de aperfeiçoamentos técnicos. Finalmente, define o que é um pescador, ao desconfiar das escolas de pesca: “*estou convencido que os pescadores sabem mais com os olhos fechados do que os técnicos com eles abertos*”.

#### IV – Uma leitura de Raul Brandão – interpretar o olhar

Procurámos submeter a obra a uma análise que tivesse em conta todos os registos e referências à presença da mulher na pesca, seguindo uma grelha de abordagem que retivesse quatro perspectivas: **1. as variantes espaciais**: componentes geográficas, topográficas, espaços de actuação; **2. as variantes patrimoniais**: casa, objectos de trabalho, objectos de valor e/ou ostentação; **3. as variantes relacionais**: de índole familiar: solteira/casada, viúva, filha de, mulher de, filhos, netos; de natureza profissional; **4. as variantes psicológicas**: o corpo, o movimento, beleza e fealdade, a

<sup>23</sup> De Caminha à Póvoa, 31 de Agosto de 1921 in Brandão, Raul – *Os pescadores*, Lisboa, Estúdios Cor, 1966, p.44.

idade, a apregoar, o sofrimento, a ira). O quadro em anexo procurou retirar excertos do texto, seguindo a sequência da obra, que nos permitirão interpretações e, finalmente, levantar questões.

Como se constata, o texto, resume-se a tocar apenas algumas praias de Portugal, excluindo muitas outras, em particular a de Peniche, Sesimbra, Setúbal. Daí que não contemos com uma observação total da presença da mulher ao longo da costa portuguesa, ou então, esse silêncio traduz ausência, a não ser como acontece em Peniche, que por mero acaso se defronta com as “mulherzinhas”, crianças sentadas no chão, a fazer rendas <sup>24</sup>.

**1.as variantes espaciais:** componentes geográficas, topográficas, espaços de actuação.

Repetem-se as referências às praias da Póvoa de Varzim, Nazaré e Mira, para, de forma episódica referir o Algarve, no seu todo. De resto, detém-se nas duas margens do Douro (a norte, a Foz, e a sul, Afurada), Âncora no Norte, com algum detalhe Ovar, Ílhavo, Murtosa; a localização topográfica das mulheres coloca-as em situações diferenciadas: na praia (Âncora, Póvoa, Mira, Nazaré), no barco (Afurada, Póvoa, Gafanha), em casa (Algarve).

**2. as variantes patrimoniais:** casa, objectos de trabalho, objectos de valor e/ou ostentação

Tirando a casa, “bem tratada” do Algarve, que contrasta com a de Mira “lar fumado” “um cântaro, dois potes, alguns farrapos nas paredes e uma enxerga sobre os bancos”, os objectos de valor afectivo residem no tempo de namoro em que o lenço as ajeita, com as da Póvoa. Em contrapartida os objectos de trabalho diversificam-se, um pouco por todo o lado: linhas, redes, ancinhos, anzóis, canastras, um pouco por toda a parte.

**3. as variantes relacionais:** de índole familiar: solteira/casada, viúva, filha de, mulher de, filhos, netos; de natureza profissional

Noivas por pouco tempo (na Póvoa), casadas em toda a parte, viúvas (de luto), sozinhas quando o homem está na pesca longínqua (deixam o leito e dormem no chão, na Nazaré), em grupos (por toda a parte), com os filhos ou netos atrás (Póvoa,

---

<sup>24</sup> Brandão, Raul – *Os pescadores*, Lisboa, Frenesi, 2002 [1923], p. 117

Afurada, Foz, Nazaré). “Parideiras” (Póvoa), “parindo filhos sobre filhos para a emigração” (Nazaré), seguidas pela “filharada”, “às ninhadas” (Afurada). Lado a lado com os homens na pesca (Afurada), “na lancha como homem” (Póvoa) ao remo (Gafanha) na apanha do sargaço e algas, na venda do peixe, na praça a apregoar, na salga (Póvoa, Mira), ao serviço do almocreve (Mira).

**4. as variantes psicológicas:** o corpo, o movimento, beleza e fealdade, a idade, a apregoar, o sofrimento, a ira

De perna à mostra (Âncora, Apúlia, Póvoa, Foz), calcanhar rachado (Foz), de passo miudinho (a da Póvoa pela Apúlia até Aver-o-Mar). Contrasta “a mais bela da província” (Olhão), delicada e forte (Ovar), lindas (Ílhavo), com as de “ancas largas peitos sólidos, grosseiras e fortes (Nazaré), “feias e espessas de pernas como trancas” (Póvoa). A idade não perdoa: mocidade curta, logo que casa “cresta-se e envelhece” (Póvoa), velhas, trôpegas (Foz) velhas e deformadas mas com “um clarão de energia no olhar” (Nazaré) velha e crestada “corre com as redes à cabeça...” (Foz). Grita por diferentes razões: no leilão do peixe (Póvoa, Nazaré), de sofrimento, “os soluços” , “gemendo, chorando, implorando” (Foz), de ira (“bulhas” na Póvoa e Nazaré).

#### **V - As variantes ocupacionais – o sentido de empresa**

Os dados lançados retratam e permitem visualizar estas mulheres, sempre em movimento. Quase as ouvimos através dos pregões, das bulhas, dos choros, do passo miúdo, descalço, em corrida contínua. Do conjunto apresentado as mulheres situam-se em três níveis de actuação que poderão servir de pistas de investigação:

- o trabalho desempenhado na praia (venda, amanho, transporte para a salga), e por vezes a bordo – aspecto que tem merecido alguma análise (Nazaré e Vila Chã<sup>25</sup>)
- o desempenho reprodutivo, a multiplicação de filhos (muitos filhos), filhos para a emigração, numa perspectiva que não tem sido tomada em conta: *“é ela em toda a parte que nos salva, parindo filhos sobre filhos para a emigração, para a desgraça e para a dor. Creio que só assim parindo e gemendo, tecendo e lavrando, mas principalmente parindo, é que se equilibra a nossa balança comercial, o que nos tem permitido viver como nação independente”*

<sup>25</sup> Escallier, Christine – *O papel das mulheres da Nazaré...*, o.c.; COLE, Sally – *Mulheres da praia. O trabalho e a vida numa comunidade costeira portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote, 1994

- a tomada de decisões – regista, gere, manda, poupa, gere os bens, arruma e manifesta.

Estes traços, interligados, desenham o perfil da mulher da praia, que a perfila como o principal agente de organização de trabalho. Em todos os espaços descritos a mulher representa não apenas uma força de trabalho no sector, claramente observada, mas, acima de tudo uma agente determinante na sobrevivência familiar: se é “parideira”, “esperam com paciência”, sobretudo, resiste, chora, envelhece e sobrevive; enviuvada e transforma-se. A imagem das mulheres que choram, a acompanhar na terra os homens em perigo, é o sinal da resistência, traduzido, de crescendo dramático na *Rata*, a mulher que ignora, impávida, o clamor das outras mulheres, porque “o mar levou-lhos todos” (p.94) – exemplo final de uma resistência *in extremis*..

Os filhos para a emigração certamente. Mas igualmente filhos para sustentar a economia do lar. Tal como acontecia na Póvoa de Varzim (vd. atrás), os filhos, de tenra idade tinham o seu quinhão, porque tinham rede. Também na costa da xávega, em Aveiro, a legislação fomentava este princípio porque: “*são considerados pescadores, para os efeitos de serem admitidos à matrícula e gozarem de isenção do recrutamento na conformidade das leis: os filhos dos pescadores matriculados, que por si só ou conjuntamente com seus pais exerçam efectivamente a pesca; os filhos dos pescadores que não sendo matriculados exercerem a pesca sendo os ditos filhos pescadores efectivos; os que não sendo filhos de pescadores já antes de completarem a idade de 14 anos eram efectivamente empregados na pesca, toda ou a maior parte do ano, ou que feitos os 14 anos começaram logo a ser efectivos, sendo esse seu ofício o seu principal modo de vida; entende-se por maior parte do ano o que se compreende entre 1 de Julho até à safra de cada ano*”<sup>26</sup>.

O contraste com o sul algarvio, é, contudo, flagrante. “Em todo o Algarve a mulher é a prenda da casa” (p.164). Como interpretar a coexistência destas duas imagens? Interpretar a visibilidade da mulher do norte e o resguardo doméstico das restantes não se resolveu aqui, nem seria possível, só se diagnosticou.

---

<sup>26</sup> Regulamento para as companhas de pesca na Torreira, de 5/11/1852, in *Collecção de leis...* 1552 a 1891, 111

Contudo, os trabalhos de Ana Nunes de Almeida revelaram que o trabalho feminino fora de casa é, no contexto do processo de industrialização e de mobilidade geográfica para centros urbanos, uma contingência obrigatória. Só se justifica ficar em casa se os filhos começam a trabalhar ou se a família alargada se emprega e transporta recursos para o interior da família, ou seja, ao sabor das etapas da vida familiar, segundo a existência de níveis de riqueza que justifiquem ficar em casa<sup>27</sup>. Aplicando esta mesma perspectiva ao quadro concreto da pesca diríamos que no sul as capacidades produtivas da pesca justificam esse espaço dentro de portas, se o número de filhos o permitisse. Sobre esta última hipótese não temos informações concretas, mas é possível observar que na costa Algarvia acontecia uma maior produtividade, dado que os cercos americanos captavam grupos etários mais jovens<sup>28</sup>.

Os dados fornecidos pelo *Inquérito* elaborado em 1890 vincam uma diferença remuneratória entre os três Departamentos em que se dividia a costa. No Departamento do Norte (de Caminha ao concelho de Montemor-o-Velho), a retribuição de salário só era utilizada nas companhias de pesca da sardinha (xávega) e na recolha do pilado ou mesmo das plantas marinhas, por artes de arrasto e de resto, fazia-se por quinhões, prática generalizada às restantes artes; no Departamento do Centro (compreendendo os distrito administrativos de Leiria, Lisboa, Beja e uma pequena parte do de Faro, a praia de Aljezur), trabalhavam por quinhões 83.35% ou 1493 indivíduos; por salário 16.65% ou 64 indivíduos. Como norma os aparelhos venciam um quinhão, as embarcações outro, e os mestres e pescadores uma parte proporcional, conforme a sua maior ou menor responsabilidade e competência (*Inquérito... 1890*, 293). No Departamento do sul, de Lagos a Vila Real, o sistema de retribuição fazia-se de duas formas: partes ou quinhões com salários fixos nas armações de atum e sardinha, no galeão e no sistema americano; e somente partes e quinhões na pesca por meio de redes volantes diversas e nos aparelhos de anzol (*Inquérito... 1890*, 314/315).

O que pretendemos dizer é que a ausência dessas figuras femininas pode ligar-se à maior capacidade produtiva das artes. Sabemos, hoje, que a introdução das novas técnicas de armações de sardinha trouxeram reflexos na produtividade e produção.

<sup>27</sup> Vd. Almeida, Ana Nunes de – *Mulheres, trabalho e família*, in “A mulher na sociedade portuguesa”, Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, vol. 1, p. 423

<sup>28</sup> Constata-se, quando se compara a estrutura etária dos pescadores de Vila Real de Santo António, em 1904, que compunham as xávegas e os cercos, ser mais envelhecida a primeira do que a segunda

Com efeito, *‘as armações de sardinha redondas, foram lentamente substituídas, desde 1898, pelas armações de sardinha à valenciana. As primeiras apenas se empregavam em Peniche, Berlenga e costa da Nazaré, enquanto as segundas ocupam todo o Algarve e enseadas de Sines, Setúbal, entre Cabos da Roca e Espichel. Em ambos os casos esta técnica permitia a retenção do peixe no mar, funcionando como uma espécie de viveiro conforme as condições de procura no mercado. A armação à valenciana distinguia-se da redonda pelas maiores dimensões e por conter particularidades muito mais eficazes: uma câmara que antecedia o copo (bucho) e que trazia maior eficácia; possuir duas bocas em vez de uma; porque mais resistente podia estar armada todo o ano mesmo com fracas condições do mar; as companhas envolviam maior número de homens e de barcos (20 contra 20-25, 5 contra 7). Apesar do seu custo ser superior (6 milhões a 9 milhões de reis e a redonda 2.5 milhões) tecnicamente era muito eficaz, de comprovada resistência e durabilidade e porque sempre pronta e armada permitia reter maior quantidade de pescado. O sistema de remunerações era igualmente bem diferente e atractivo: o proprietário pagava todas as despesas, distribuía aos pescadores quantias fixas, e atribuía prémios do produto da pesca, enquanto que nas redondas só ¼ do produto era distribuído pela companha de acordo com a função de cada um.*

*Tal conjunto de vantagens conduziu, não sem grandes polémicas, ao fim das armações redondas e abriu caminho a outras transferências, como, por exemplo, a introdução da arte de traineira, ainda a remos, de cercar para bordo. No Algarve, na 2ª metade do séc. XIX, assistese assim, fomentado pela facilidade de comercialização e pela participação de múltiplas empresas, à criação de novas sociedades e ao aperfeiçoamento da estrutura das armações de atum à valenciana<sup>29</sup>*

Em resumo, tentou-se, introduzir alguns aspectos qualitativos que reforçam uma disparidade entre o papel feminino da mulher no governo da pesca “parindo e gemendo” e no governo da casa “prenda da casa”.

Esta diversidade coloca a necessidade de uma análise que avalie as relações familiares de trabalho num processo de adaptação aos diferentes ecossistemas, antes e depois das introduções tecnológicas.

---

(menores de 30 anos 12.2% nas xávegas, 47.4% nos cercos; 30-50 anos, 50.0% e 46.5%; maiores de 50 anos, 37.8% e 6.1%)

Assim sendo a pesquisa deverá situar-se nas intenções estratégicas e nas capacidades familiares de adaptação à evolução dos recursos, aplicando a sua capacidade segundo as vantagens que o mercado de trabalho lhes coloca, em termos de sobrevivência familiar. Neste contexto, mesmo antes e depois do processo de industrialização a economia familiar piscatória pode não corresponder a uma unidade de produção e a uma unidade de cooperação mas assumir esferas separadas, com variantes sincrónicas na organização do ciclo de trabalho familiar no seio da qual a mulher desempenha variadas funções<sup>30</sup>. O mundo das conservas pode ser um bom ponto de aferição...

**ANEXO**  
**Dados relativos à mulher em Raul Brandão**  
**“Os Pescadores”, Lisboa, Frenesi, 2002 [1923]**

Página	Lugar	Excerto
12	Afurada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• o homem atira a rede e a mulher, num gesto rítmico bate com o bicheiro na água para assustar os peixes que se vão lançar na malha.</li> </ul>
29	Âncora	<ul style="list-style-type: none"> <li>• homens e mulheres apanham, secam, dobram em mantas, carregam nos carros, a dorso de jericos, ou simplesmente à cabeça, o sargaço e as algas, que, com o patelo, são o alimento e a fartura destas terras.</li> <li>• As mulheres de gadanho e ancinho, de saia ensacada e perna à mostra, apanham as algas na flor das ondas ou no fundo das poças quando a maré vaza; rapam-na das pedras esverdeadas; estendem-na no areal a secar ou despejam-na nos carros enquanto os bois pastam as ervas rasteiras e amargas que crescem à beira -mar, salpicadas de espuma</li> </ul>
31	Apúlia, Aguçadoira, Avelomar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• em todo o longo percurso da estrada só encontro poveiras que acarretam sardinha. - A Póvoa fornece e alimenta todas estas povoações. Descalças, de saia arregaçada, correm num passo miudinho ajoujadas sob o peso</li> </ul>
32	Póvoa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• No areal todo de oiro secam redes encascadas, e entre os batéis varados formam-se grupos de mulheres que os esperam.</li> <li>• Outras correm. Puxam pelos cabos das lanchas como homens ou carregam a caça que sai do cavername a escorrer. Dois, três barcos já na praia... Uma companha encosta os ombros ao costado de uma lancha e -oupa! -empurram-na para cima.</li> <li>• Mulheres acodem, o movimento aumenta e os gritos, os gestos, as atitudes imprevistas. Com os dedos metidos nas guelras algumas arrastam os cações sarapintados, as raias espalmadas, os congros ferozes, com a cabeça aberta pelo machado para não morderem a mão que os apanha. Um monte de raias, peles escuras e viscosas misturadas com areia, outro de peixes-sapos de goela voraz, só boca e dentes, e ainda outro de sardas mosqueadas.</li> <li>• Treze vinténs! catorze vinténs! -É o leilão. A berraria redobra. Neste grupo confundem-se as vozes. Cheira a mar, a peixe e a fartum, e as mulheres curvam-se sobre a pesca e regateiam-na, enquanto em baixo os barcos despejam mais peixe vivo, toninhas, gorazes, e a sardinha que começa a alastrar de prata todo o vasto areal.</li> <li>• Duas mulheres, de perna nua e saia arregaçada até ao joelho, engancharam um croque na boca de um peixe-cão e arrastam-no a custo para cima.</li> </ul>
33	Póvoa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Redemoinhos negros de mulherio se deslocam. -Três tostões! seis tostões!</li> </ul>

<sup>29</sup> Vd. Pescador costeiro e do alto” in Amorim, Inês (org.) – *História do trabalho e das ocupações...*, o.c., p.95

<sup>30</sup> Sobre uma revisão dos conceitos de economia familiar vd. Knotter, Ad – “Problems of the ‘family economy’: Peasant economy, domestic production and labour markets in pre-industrial Europe”. *Economic and social history in the Netherlands*, vol. 6, NEHA, 1994, pp.19-60

		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Reparo nos tipos: são feias e espessas, de pernas como trancas, todas vestidas de escuro;</li> <li>▪ velhas com uma saia pelas costas cheirando a fartum de sardinha, e metendo dinheiro nos bolsos misturado com areia; arrostalhadas no chão, separando o peixe com as unhas gordurosas; homens de camisola e calça, secos e tão entranhados do salitre como os pranchões das lanchas de madeira por pintar.</li> <li>▪ Acolá dentro dos batéis os pescadores sentaram-se nos bancos e cada um tem um pequeno ao colo: entregaram-lhos as mães enquanto vendem.</li> <li>▪ Levam-na [sardinha] em canastras, carregam-na em carros, compram-na as peixeiras já prontas a partir e a apregoá-la.</li> <li>▪ E mais gritos, maior balbúrdia.-Seis tostões! um quartinho! -Estripam-na, lavam-na em água do mar, dividem-na em grande, média e miúda.</li> <li>▪ Mulheres a escorrer salmoura carregam-na à cabeça e correm para a fábrica com os filhos nus agarrados às saias...</li> </ul>
37	Póvoa	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ As mulheres escorrem salmoura e por toda a parte há restos de sardinha e filharada</li> </ul>
76	Mira	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ as mulheres despejam nos gogos os montões de sardinha ou do chicharro grande</li> </ul>
85-6 139	Foz Nazaré	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ as brigas</li> <li>▪ as brigas</li> </ul>
79	Mira	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Os homens trigueiros, secos e fortes e as mulheres bem lançadas.</li> <li>▪ Mesmo as feias têm um ar de distinção. [...]</li> <li>▪ Quando saem do barco e o encalham os pescadores não fazem mais nada -deitam-se na areia.</li> <li>▪ resto compete à mulher: é ela que lava as redes e o peixe, que o salga e carrega e que faz a lavoura da Barrinha. [...]</li> <li>▪ São as mulheres também que, depois da sardinha disputada a lança, a levam à cabeça para a casa da salga, grandes barracões de madeira com manjedouras, encostadas às paredes para as bestas e um depósito de sal branco de Aveiro. É ali que o almocreve a salpica em fresco antes de se meter a caminho, ou as mulheres a lavam em água ensossa.</li> </ul>
83	Foz	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ “velha crestada pela desgraça e o tempo.”; “andou toda a vida de luto”;</li> <li>▪ “corre com as redes à cabeça, a cesta no braço,</li> <li>▪ e os soluços represados na garganta, levando o neto atrás de si a rasto para o barco</li> </ul>
84	Foz	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ “ranchos de raparigas que andam na maré à gravalha, de perna fina, curvando e puxando para si os restos de lenha.</li> <li>▪ Os tipos mais grosseiros das moças ruivas e sardentas, molhadas, trespassadas de sol e de salitre, que correm as estradas de Matosinhos, como as de calcanhar rachado que pisam os caminhos de Esposende e as ruas de Gontinhães cheirando a peixe, a alga e a sargaço, com a canastra à cabeça e a perna nua à mostra .</li> </ul>
86	Afurada	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ homem percorre incessantemente o rio ou o mar rapando-o, até ao fundo, do mexoalho com que se adubam as terras, da solha nas areias, da faneca ou da sardinha na boca da barra, e do sável quando ele vem à desova.</li> <li>▪ As mulheres, altas, airosas e trigueiras, trabalham como mouras.</li> <li>▪ Tenho-as visto lançar as redes e remar naqueles lindos barcos feitos com duas cascas de tábuas, bateiras ou saveiras, com que os homens atravessam a terrível barra do Douro, morrendo muitas vezes, volteados pelas ondas, quando regressam com a borda metida na água.</li> <li>▪ Mulheres que têm filhos às ninhadas e que nem por isso deixam de correr as ruas da cidade, com a canastra à cabeça e o pé descalço, o pregão na boca, e o mais novo ao colo ou deitado no fundo do cesto com um resto de sardinhas à mistura. - Andam léguas, são infatigáveis e já as vi lançar sozinhas as redes do sável, puxá-las para a terra e dividir o quinhão</li> </ul>
87	Mira	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A de Mira, feia mas esbelta, tem um ar grave e senhoril quase sempre.</li> <li>▪ Lava as redes, puxa aos cabos, carrega os gigos, cozinha no lar enfumado com dois tijolos no chão, e faz a lavoura -«o prazo».</li> <li>▪ Em resumo, a mulher trabalha mais do que o homem -trabalha o dobro do homem. Não sai de Mira, não vende o peixe, mas anda empregada na companhia, por conta do proprietário, ou na salga, por conta do almocreve.</li> <li>▪ No interior de tábuas possui um cântaro, dois potes, alguns farrapos nas paredes e uma enxerga sobre os bancos.</li> <li>▪ Vejo-as aos grupos à espera que saia a rede</li> </ul>

88	Gafanha	<ul style="list-style-type: none"> <li>• cachopas da beira-mar todas molhadas, sempre metidas na água a rapar o moliço;</li> <li>• “transportar o sal da Gafanha para Mira;</li> <li>• “a tia Ana agarrava-se ao remo como um homem e ia ao mar no barco”</li> </ul>
89	Ílhavo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “as mais lindas, pelo sorriso que encanta, pelo olhar e pela magia que exalam</li> </ul>
89	Murtosa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “baixa e atarracada”</li> </ul>
89	Ovar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• delicada e forte, alta e bem proporcionada, cheia de predicados domésticos e morais</li> </ul>
90	Algarve	<ul style="list-style-type: none"> <li>• a mulher da beira-mar, com exceção da do Algarve, que é «a prenda da casa»</li> </ul>
90	Póvoa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A poveira, a bem dizer, é um homem. Feia e rude, pernas como trancas.</li> <li>• Já se tem atirado para dentro das lanchas, obrigando os homens a arrostar com o temporal. Ou eles, ou elas.</li> <li>• São mães extremosas, e grandes parideiras de filhos para o mar. Quando lhes chega o tempo, metem-se na cama, com um casaco ou uma calça dos homens pelos ombros, esperando a hora com paciência. Só têm o cuidado de que a luz da graxa fique acesa todo o dia e toda a noite no casebre, para que o <i>minino</i> tenha alminha.</li> <li>• seu noivado dura pouco -o que dura sempre é a amarga vida trabalhosa.</li> <li>• Dantes o moço, em vésperas de casório, atava o lenço da noiva, como bandeira, à proa do barco. Duas lanchas, as enviadas, iam apanhar-lhe o peixe para a boda. E elas fiavam durante meses o ticum para as redes do casal.</li> <li>• Eternas sacrificadas, tiram-no à boca para aparelhar o cesto dos homens: vendem, carregam as redes, lavam-nas, sem um fio enxuto no corpo, metem o ombro aos barcos para os deitar ao mar.</li> <li>• Acabada a pesca, todo o trabalho cabe à mulher, que fabrica a graxa, que trata dos filhos, que faz redes, as lava e as conserta, e que vai vender por esses caminhos fora.</li> <li>• E ainda o pior para todas estas mulheres não é serem bestas de carga, dias atrás de dias encharcadas e escorrendo salmoura.</li> <li>• A mocidade dura-lhes o que duram as rosas. Quase sempre de uma beleza delicada, a mulher da beira-mar, com exceção da do Algarve, que é «a prenda da casa», logo que casa carrega com quase todo o peso do lar, cresta-se e envelhece. Acusam-na de imprevidência. Imprevidente é o homem, que gasta na taberna tudo o que ganha.</li> <li>• Ela, remenda, poupa e vai arrancá-lo à taberna.</li> </ul>
106	Geral	<ul style="list-style-type: none"> <li>• perigo de tempestade e afundamento: “ as mulheres lá correm outra vez pela estrada fora as saias pela cabeça, encharcadas de água, com o mesmo anh! anh! ...de aflição, gemendo, chorando, implorando. Algumas velhas têm o olhar fixo do espanto e as mãos enclavinhadas sobre o coração que já não pode mais. E rangem anh. ..anh. Trôpegas, descalças, sob o aguaceiro que desaba, tão amolgadas pela vida que parecem farrapos molhados de lágrimas e cuspidos de espuma. E lá seguem... -Talvez entrem em Leixões... E lá seguem tendo caminhado léguas, rezando, suplicando, chorando, ou, pior, emudecidas pela dor, a tábua do peito apertada, a boca entreaberta e os olhos fixos no mar. ...-Ai Jesus, ai Jesus</li> </ul>
131	Nazaré	<ul style="list-style-type: none"> <li>• mulheres que carregam o peixe ou que o despejam ainda vivo...”</li> </ul>
138	Nazaré	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fixo as mulheres arrostralhadas pelo chão, sentadas em grupos, ou voltando para casa com o dedo indicador metido na boca das raías escaladas e já prontas para a ceia.</li> <li>• São a vida desta terra. Surpreendo-as na labuta de todos os dias: carregando peixe, salpicando-o de sal e estendendo na areia sobre palha o cação, o polvo, o carapau, para a seca; sentadas às portas discutindo ou praguejando umas com as outras no leilão: -Mar te alimpe! -Mar te afervente! -</li> <li>• Algumas são já velhas e deformadas pela vida, mas conservam um clarão de energia no olhar. -Onde vai? -Vou ao estendar buscar peixe.</li> <li>• Baixas quase todas, de ancas largas e peitos sólidos. Grosseiras e fortes.</li> <li>• Língua de um poder expressivo inigualável, colorida e pitoresca,: quando se zangam, quando vão buscar os homens à taberna, quando falam ao mesmo tempo e gesticulam, ou a chorar quando contam a sua vida de bestas de carga.</li> </ul>
141	Nazaré Geral	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tive sempre a ideia que quem manda em todo o país é a mulher. Na lavoura, às vezes o bruto bate-lhe, mas é ela que o guia e lhe dá os mais atilados conselhos.</li> <li>• E é ela em toda a parte que nos salva, parindo filhos sobre filhos para a emigração, para a desgraça e para a dor. Creio que só assim parindo e gemendo, tecendo e lavrando, mas principalmente parindo, é que se equilibra a nossa balança comercial, o que nos tem permitido viver como nação independente.</li> <li>• Valem mais que o homem, sacrificam-se mais que o homem -mas aqui o seu trabalho é tão palpável que toda a gente afirma que a mulher da Nazaré é a alma desta terra.</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Os pescadores obedecem-lhes -a bem ou a mal, dizem... Não é, como em toda aparte, insinuando-se, que a fêmea, mais fina que o homem porque cria, o governa nesta terra.</li> <li>▪ Da praia para cima só elas põem e dispõem. Eles, saindo do barco, metem-se na taberna e bebem. Sóbrios na comida, gastam quase tudo o que ganham a beber: a percentagem e a rodada ou o giro. Só entregam em casa intacto o salário.</li> <li>▪ Se as mulheres lhes batem, como corre, na verdade acho bem feito. -Eles merecem-no.</li> </ul>
142	Nazaré	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ quando o homem vai para a pesca do bacalhau a mulher nunca mais se deita no leito</li> </ul>
164	Algarve	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Em todo o Algarve a mulher é a prenda da casa. Trá-la muito bem tratada, muito bem fechada, restos da vida de moira.</li> <li>▪ A de Olhão, trigueira, de olhos negros e um lindo sorriso reservado, passa por a mais bela da província, pela vivacidade, e pela fartura do cabelo.</li> <li>▪ Já em São Brás de Alportel, ali perto, as cabeças têm reflexos do irados e os peitos são desenvolvidos.</li> <li>▪ Sentadas nas esteiras sobre os calcanhares, nas casas forradas de junco ou de palma, fabricam as alcofas, a golpe lha em que se transporta a alfarroba e o figo, e as alcofinhas mais pequenas, chamadas alcoviteiras.</li> <li>▪ Ainda há pouco tempo todas usavam cloques e bioco. O capote, muito amplo e atirado com elegância sobre a cabeça, tornava-as impenetráveis</li> </ul>